

# desses empresários

## A preocupação

O ministro Ernane Galvêas prevê um ano "mais feliz" em 1982. Mas os empresários reunidos ontem em Porto Alegre, no seminário "Projeção Econômica 82", deixaram claro que não acreditam muito nisso: a reativação da indústria exigirá um grande esforço de exportações; os juros não deverão cair grande coisa e a situação da agropecuária permanecerá mais ou menos inalterada.

No seminário, promovido pela ADVB (Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil), o empresário Jorge Gerdau, diretor-presidente do Grupo Gerdau, afirmou que o País deverá enfrentar mais dois ou três anos de dificuldades. E frisou: "Precisamos abrir frentes. Temos que sair no mundo para vender".

O ex-ministro Marcus Pratini de Moraes disse que o ajuste das contas externas exige superávits comerciais de 3 a 4 bilhões de dólares, nos próximos três anos. Por isso, defendeu maior agressividade nas vendas, o que seria possível através das seguintes medidas: seguro-exportação; "draw back verde-amarelo" (compra de produtos brasileiros a preços do mercado internacional); ampliação dos programas setoriais de exportação; criação de programas de exportação de serviços; realização de vendas nas diversas moedas conversíveis, e não apenas em dólares; e instituição de lobbies para defender os interesses dos exportadores.

Em sua palestra, Jorge Gerdau não se deteve apenas nos aspectos ligados à exportação, mas resolveu fazer uma análise da atual crise, para criticar "os conceitos socialistas" do governo. Opinou que "o progresso está vinculado à internacionalização da economia"; ao aumentar as exportações, o País teve de adaptar-se ao mercado externo. Assim, o Brasil estaria sofrendo no momento as consequências de "um reajustamento" da economia.

Nesta linha de raciocínio, afirmou que já é hora de "tirar um pouco o ABC do noticiário", pois a crise do automóvel não é só brasileira, mas sim internacional, "vinculada ao problema do ajustamento".

Criticou a "preocupação socializante" em função da qual, no seu entender, têm crescido os impostos. "O Brasil está fazendo uma política distributivista que não cabe ao País, pois no fundo faz-se distribuição de riquezas sem capital. A única maneira de fazer distribuição é investindo na geração de empregos."

### Juros

Durante o mesmo seminário, Daniel Iochpe, do Banco Iochpe, Roberto Maisonnave, do Banco Maisonnave, e Péricles Druck, do Grupo Habitasul, analisaram a situação da economia de modo idêntico: a política do governo não sofrerá mudanças significativas; os juros externos não deverão ter quedas tão grandes a ponto de permitir uma redução expressiva das taxas internas, que acompanharão, contudo, o declínio, "mesmo que tímido", da inflação.

Mas existe uma condição essencial para que isto aconteça: o governo, mesmo mantendo elevada a correção monetária para sustentar um alto nível de poupança, não poderá repetir a política de colocação de papéis públicos deste ano, pois os papéis privados têm de acompanhar as taxas pagas pelo Banco Central, para preservarem

**Empresários reunidos em seminário não estão muito otimistas; acham que a crise demora.**

"sua fatia no exíguo mercado poupador do País".

### Agropecuária

Por seu lado, o ex-ministro da Agricultura Cirne Lima afirmou que a situação da pecuária é crítica e assim permanecerá no próximo ano. Isto porque o

mercado interno não tem "condições de adquirir o produto e, havendo excedente, o País não obterá preços adequados no mercado externo". No caso da carne bovina, "o Mercado Comum Europeu está subsidiando a exportação do produto".

Por isto, Cirne Lima não acredita que a economia possa crescer 5% conforme afirmação do ministro Delfim Neto. De fato, ele vê o Brasil "quase num beco sem saída". Acrescentou que "as agruras brasileiras não são causadas pelo mau humor de alguns tecnocratas, nem é culpa de um senhor tão mal-visto no Brasil", e sim pelos "detentores da energia não-renovável (o petróleo)".

Rubens Ilgenfritz da Silva, presidente da Cooperativa Triticola Serrana Ijuí (Cotrijui), confirmou que a área cultivada de soja deverá ser reduzida 5% no Rio Grande do Sul e de 2% a 3%, no País como um todo; apenas em Mato Grosso do Sul poderá haver um crescimento de até 5% na área plantada. Um dos maiores empecilhos à expansão da produção é o sistema de transporte existente que, além de precário, é caro: custa o equivalente a 23 ou 24 dólares por tonelada no Rio Grande do Sul, chegando a 40 dólares.

Ele salientou que as perspectivas da agricultura não são "nada estimulantes" e propôs: "Devemos perseguir o caminho da policultura", o que, conforme frisou, exigiria produtores politizados e fortalecidos em entidades de classe.

Outro empresário, Carlos Goidanich, representante do setor de indústrias alimentícias, também previu "muitas dificuldades" em 1982. A ociosidade das empresas que industrializam carne é "bastante expressiva". No caso do arroz, a área plantada deverá diminuir. Já as indústrias de produtos derivados de soja enfrentam uma ociosidade que chega a 40%. Além disso, "o mercado poderá pagar mais pelo grão do que pelo produto industrializado, como já aconteceu este ano", impedindo que as indústrias comprem a matéria-prima "a preço competitivo".

### O comércio

O presidente da Associação de Supermercados do Rio Grande do Sul, Pedro Zaffari, previu que deverá continuar a retração de 10% no consumo, com a população procurando substituir alguns produtos por outros, mais baratos. Por causa disso, o presidente da Federação das Associações Comerciais gaúchas, César Valente, encareceu aos presentes a necessidade de pressionarem o governo a prosseguir a abertura política, o que, segundo ele, significaria mais liberdade para a economia e o estabelecimento de parâmetros sociais na política econômica a ser adotada após as eleições do próximo ano.

Ontem, em São Paulo, a Federação do Comércio distribuiu nota informando que "o faturamento real do comércio na região metropolitana de São Paulo no período janeiro-outubro de 1981 foi de 20,9% menor do que em igual período do ano passado, e o nível de emprego recuou 5,21%".